



ANTES E

Um dia decisivo na vida
de grandes brasileiros,
quando pequenos

DEPOIS

ilustrações

Daniel Almeida



Copyright do texto © 2015 by Flávio de Souza
Copyright das ilustrações © 2015 by Daniel Almeida

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os fatos referentes à vida das personalidades abordadas e à história do Brasil que aparecem neste livro são verdadeiros. No entanto, as situações em que aparecem cada um dos personagens são inventadas e fazem parte do contexto da ficção.

CRÉDITOS DAS IMAGENS DE CAPA:

Pedro de Alcântara: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional — Brasil
Chiquinha Gonzaga: Acervo Chiquinha Gonzaga/ Instituto Moreira Salles
Lima Barreto e Machado de Assis: Acervo Iconographia
Monteiro Lobato: © Monteiro Lobato — Todos os direitos reservados
Mário de Andrade: Coleção Mário de Andrade. Arquivo fotográfico do Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros — USP
Maria Lenk: Equipe AE/Estadão Conteúdo
Machado de Assis: Acervo Iconographia

PREPARAÇÃO: Thais Rimkus

REVISÃO: Viviane T. Mendes e Thaís Totino Richter

COMPOSIÇÃO: Tânia Maria • acomte

TRATAMENTO DE IMAGEM: M Gallego • Studio de Artes Gráficas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souza, Flávio de

Antes e depois : Um dia decisivo na vida de grandes brasileiros, quando pequenos / Flávio de Souza ; ilustrações de Daniel Almeida — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2015.

ISBN 978-85-7406-652-3

1. Literatura infantojuvenil. 1. Almeida, Daniel. II. Título.

14-09897

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORARIA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

*Para a Bebel, que tem o nome da
princesa que participa bastante deste livro.*

Que a sua vida seja cheia de liberdade.

F. S.

SUMÁRIO

Prólogo — Um dia especial da vida de sete brasileiros especialmente especiais, 5

Pedro de Alcântara, o pequeno herdeiro da nação, 9

Luiz Gama, o amigo de todos, 42

Chiquinha Gonzaga, a abre-alas, 53

Lima Barreto, o mortal imortal, 105

Monteiro Lobato, o pai da Emília, 119

Mário de Andrade, um antigo moderno, 138

Maria Lenk, um peixe dentro d'água, 160

Apêndice 1 – Machadinho, o órfão rejeitado, 176

Apêndice 2 – Chiquinha no palco, 178

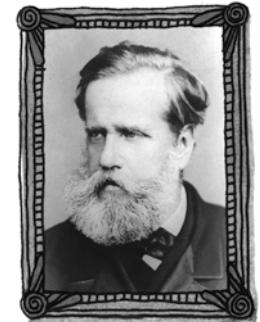
Apêndice 3 – Nossos sete brasileiros na linha do tempo, 180

Créditos das imagens, 189

Sobre o autor, 190

Sobre o ilustrador, 191

**PEDRO DE ALCÂNTARA,
O PEQUENO HERDEIRO
DA NAÇÃO
TRECHOS ESCOLHIDOS
DO DIÁRIO DE UM VAMPIRO**



INTRODUÇÃO — SÓ QUEM É PODE SABER

Quem sabe o que significa viver há mais de setecentos anos?

Quem conhece o tédio de ver os mesmos erros sendo cometidos, geração após geração?

Quem consegue entender o que é renascer de sessenta em sessenta anos, fingindo ter morrido e se apresentando como filho de si mesmo?

Quem tem noção do que é ser jovem para sempre?

Só quem é como eu. Um vampiro. Não um mocinho de filme açucarado ou de seriado engraçado. Sim, um morto-vivo sanguessuga.

Nós, os vampiros, não morremos, ainda que mortais corajosos possam nos transformar em morcegos, estátuas de pedra ou fumaça. Como isso acontece não posso revelar, primeiro porque demandaria muito tempo, segundo porque estou proibido de registrar esses processos, terceiro porque você que está lendo, por exemplo, pode se inspirar e se tornar um novo Helsing, um caçador de pobres imortais como eu.

Não direi minha nacionalidade, mas imagino que meu patético orgulho patriótico tenha me levado a deixar pistas nas anotações diárias.

MESTRE DE ETIQUETA

Para viver em meio a mortais sem levantar suspeitas, tenho que parecer sempre preocupado com dinheiro, encontros amorosos e poder, além de demonstrar medo de envelhecer e morrer. Sempre mudo de país, nacionalidade, nome, biografia e também de profissão.

Aconteceu-me, então, de viver dentro dos muros da corte real portuguesa durante quase todo o século 19, empregado como mestre de etiqueta (ou seja, boas maneiras) para o herdeiro da coroa e seu irmão, já que o

mais novo poderia sobreviver ao mais velho e tornar-se, assim, o herdeiro seguinte.

FIDELIDADE NO GERAL, NEM TANTO NOS DETALHES

Na época dos fatos aqui relatados, ainda não havia nenhum tipo de gravador, e minha memória é boa, mas não fotográfica. Fiz anotações diariamente antes de dormir, portanto, horas depois dos ocorridos. Com tanta gente tagarelando à minha volta (na maioria das vezes coisas sem o menor interesse e o menor sentido), posso ter misturado frases de um com frases de outro e possivelmente até parágrafos inteiros saídos de uma boca com os saídos de outras bocas.

Mas a falta de fidelidade absoluta se deve também a mais quatro fatos:

- 1) Não me lembrei do exato diálogo, por exemplo, entre d. João e d. Carlota Joaquina, palavra por palavra, palavrão por palavrão.
- 2) Não me contive e coloquei no papel coisas que ouvi apenas em minha imaginação — e meu senso de humor não é dos mais bondosos.
- 3) Fiz uma boa faxina nos escritos quando decidi contar um pouco da história do pobre pequeno príncipe, já que, quando fiz as anotações no diário, não tomei cuidado com a linguagem, porque não imaginei que haveria outro leitor que não eu mesmo.
- 4) Mudei palavras e expressões da época e até parágrafos inteiros, porque certamente não serei lido por ninguém dos tempos passados e porque espero ser lido por mortais vivos no século 21.

O ASSUNTO PRINCIPAL

Quem vê a grande maioria dos retratos de Pedro de Alcântara pode ficar na dúvida se algum dia aquele senhor barbado foi uma criança. É claro que foi, e, do ponto de vista material, sua infância foi das melhores. No entanto, no âmbito afetivo, psicológico e social, dificilmente poderia ter sido pior.

Tratado como um projeto de rei desde que saiu do útero da mãe, Pedro de Alcântara foi preparado para substituir o pai no trono. Como tinha personalidade dócil e tranquila, aceitou todas as obrigações, as restrições e até as proibições que sua situação lhe trouxe.

D. Pedro II nunca se rebelou. Aparentemente nunca burlou nenhuma das leis do protocolo. Nunca demonstrou publicamente insatisfação, incomodismo nem raiva com a gaiola de ouro em que foi criado e mantido até ser proibido de permanecer no país do qual tinha sido, de certa maneira, dono.

A seleção dos trechos reunidos em “Antecedentes”, a seguir, mostra parte da construção do berço esplêndido em que foi colocado o menino e a razão de ainda existir, até o fim do século em que quase toda a América se libertou de seus colonizadores, um monarca dotado de físico, cultura, ideias e modos europeus no mais tropicalista dos países tropicais. E a parte chamada “Descendentes” dá uma breve visão das cenas de que o personagem participou no teatro do mundo ocidental.

ANTECEDENTES

Napoleão Bonaparte espalha-se Europa afora

18 de maio de 1804

Ensinar boas maneiras para dois cavalos seria mais fácil que para os príncipes d. Pedrinho e d. Miguelito. Pensando bem, não é só difícil, é impossível. Porque ambos são potros selvagens.

O que não é de se estranhar, considerando que foram criados por aquela espanhola mais insana e insensata que a sogra, que foi oficialmente declarada doida. Quer dizer, foram mal educados ou deseducados por essa mãe, que tem um par de castanholas como lábios e a língua tão venenosa quanto a da mais peçonhenta das serpentes.

Toda vez que me encontro a menos de cinquenta metros de d. Carlota Joaquina agradeço à divina providência, que fez que a rainha não aceitasse a sugestão do marido de que sua senhora fosse também minha pupila.

Aliás, anoto aqui um perfeito estratagema para convencer d. Carlota a aceitar seja lá o que for: basta citar o fato — real ou não — de d. João ter se mostrado contra.

Foi dessa maneira que me safei de cuidar da etiqueta das seis filhas Marias, chamadas, por ordem de idade: Maria Teresa, Maria Isabel, Maria Francisca, Isabel Maria, Maria da Assunção e Ana de Jesus Maria.

Espero que o pai do herdeiro do trono não perceba o quanto é inútil manter-me em sua folha de pagamento, pois é inútil ter um mestre de etiqueta se os alunos são delinquentes. Mas, pelo menos por enquanto, não desejo perder essa posição na corte lusitana.

O dia teria sido um completo bocejo se não fosse pela notícia de que Napoleão Bonaparte coroou a si mesmo imperador da França. Quem diria que isso aconteceria, sem guerra civil, apenas onze anos depois da queda da Bastilha e de Luís VI e Maria Antonieta perderem a cabeça na guilhotina?

Para onde foram as conquistas da revolução: igualdade, liberdade e fraternidade? Ao que tudo indica, a liberdade ficará reservada aos que obedecerem cegamente ao baixinho espevitado, a fraternidade irá se restringir à distribuição que o corso — ou corsário? — fará dos pedaços de seu império para seus irmãos de sangue, e a igualdade irá valer para toda a população — todos, sem exceção, terão o mesmo direito a não ter direitos!

Esse senhor tem pequena estatura, grande amor-próprio e confiança em si mesmo, enorme poder de governar, gigantesca capacidade de guerrear e conquistar, e monumental pretensão. Ele vai longe.

Porém, eu já vi essa história acontecer várias vezes. Uma hora ele irá longe demais...

Vou ou não vou, esta é a questão!

12 de agosto de 1807

Napoleão Bonaparte cravou a coroa na cabeça de sua esposa, Josefina, mas quem sentiu as enxaquecas foram os governantes de meia Europa. Com exceção do rei Jorge III, que, de acordo com os boatos, vai pelo mesmo caminho de d. Maria I de Portugal, ou seja, para a insensatez completa. Seja como for, o império britânico não só não se curvou diante do reizinho francês, como ameaça estragar sua brincadeira de domínio em efeito dominó.

D. João continua feito artista saltimbanco, equilibrando-se sobre uma muralha, com um precipício de cada lado. Será que o príncipe regente não se dá conta de que está mais vulnerável que nunca? Não há nada mais fácil que derrubar um gato de um muro, basta uma pedrada! Ou será que é mais duro do que se pensa, pegar o gato no pulo?

Difícil e perigosa escolha saber se d. João deve se tornar personagem da peça *Rei João*, do inglês Shakespeare, ou da do francês Molière chamada *Don Juan*, cuja tradução é *Dom D. João*...

As dúvidas pairam no ar em volta da cabeça do futuro rei de Portugal como mariposas rodeiam um lampião. E, disso tudo, o que mais me interessa é saber se o infante d. Pedrinho vai para o hemisfério sul ou fica, agora que ele é meu único pupilo, desde que seu irmão mais novo, d. Miguelito, foi proibido pela mãe de presenciar minhas aulas.

Juro por tudo que me é mais sagrado que não tive nada a ver com isso. É claro que minha vida ficou bem mais sossegada sem um dos pequenos ogros — e, justamente, sem o mais selvagem deles. Mas, veja só, eu apenas deixei escapar na presença da espanhola mentecapta que seu marido estava muito satisfeito com os novos modos de comportamento de d. Miguelito...

Se o príncipe regente pretende ou não ir para o fim de mundo tropical, não é minha preocupação. Se a família real for ao Brasil, Portugal ficará ao Deus dará, e será um Deus nos acuda. Mas há a opção de ir apenas o infante herdeiro. D. Pedrinho pode ficar ou zarpar, e eu, se quiser manter meu emprego e meu salário, posso ir junto ou ficar. Essa é a única questão que me interessa e me preocupa.

Bombas sobre Zelândia e Amader

4 de setembro de 1807

O último morcego me trouxe uma notícia estarrecedora. Pelo terceiro dia consecutivo, os ingleses bombardearam Copenhague, capital da Dinamarca. Um terço da cidade — construída sobre as ilhas Zelândia e Amader — foi ao chão, mais de mil civis irão para debaixo da terra.

O ataque mostrou que está errado quem acha que pode se pôr ao lado de Napoleão e, portanto, contra piratas do rei Jorge, sem sofrer as consequências.

Por falar nisso, terminou há três dias o prazo dado pelo conquistador francês para d. João fechar os portos aos ingleses... ou sofrer as consequências. Esse ultimato teve a aprovação de Carlos I, rei da Espanha e, por coincidência, pai de d. Carlota. E ainda há quem não acredite na maledicência dos sogros em relação aos genros!

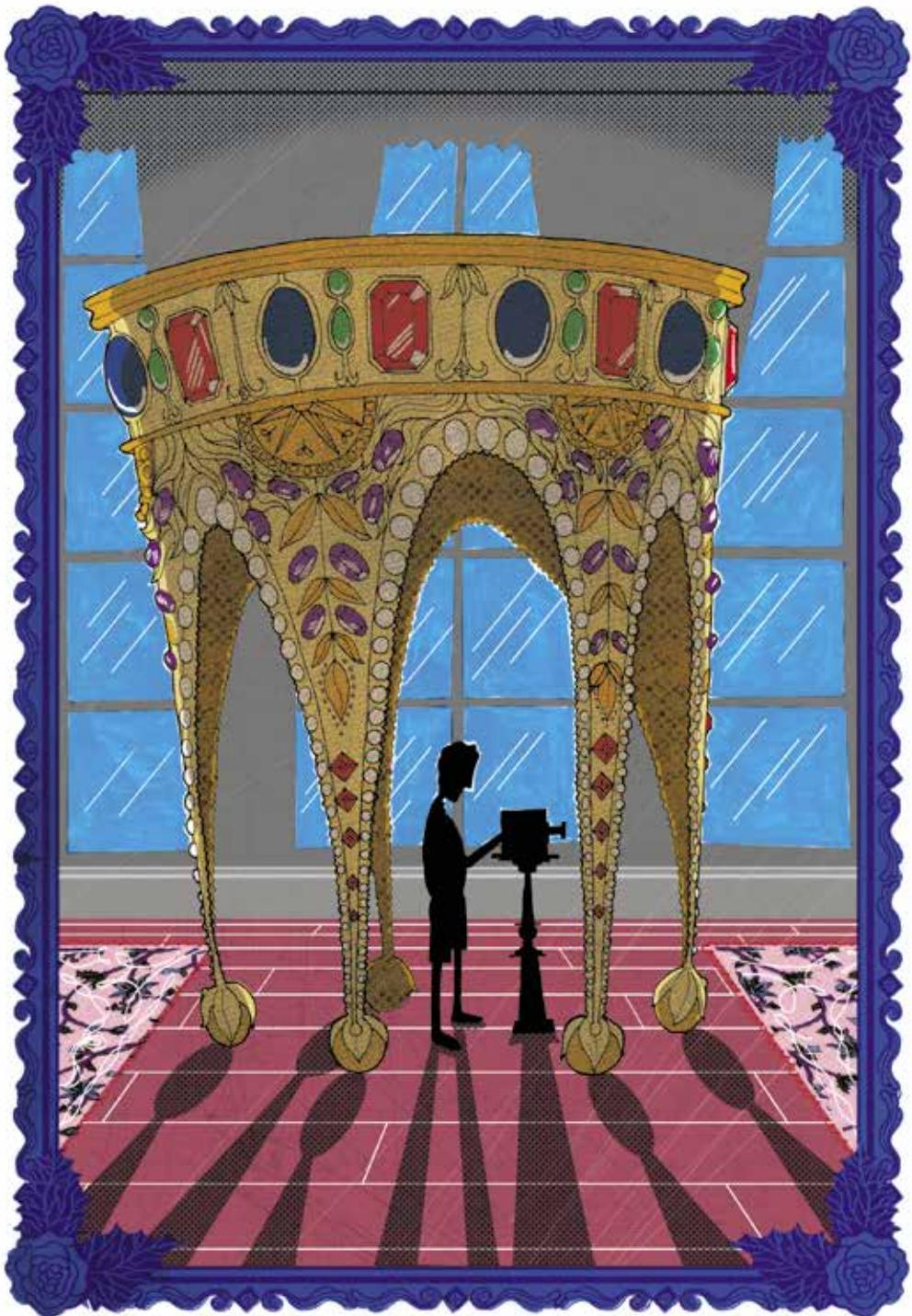
Que sanguessugas, além de mim, d. João irá consentir que cravem os caninos na jugular da nação portuguesa? O monarca equilibrista ainda acha que pode fazer uma escolha de sua escolha, como “Entre o frango assado e o carneiro ensopado, fico com o peixe frito”...

O casamento forçado

12 de outubro de 1807

Lembro-me de quando assisti à comédia de Molière chamada *O casamento forçado*. Uma peça com esse nome poderia contar a história de constante desprezo e ódio entre d. João e d. Carlota Joaquina.

É sabido que casais muito ricos às vezes dormem em quartos separados.



Os pais de d. Pedrinho não são exceção. A diferença básica é que o quarto de um fica a um pouco mais de vinte e um quilômetros do quarto do outro, pois cada um está em uma cidade portuguesa.

Que incrível sensação de tranquilidade e silêncio tivemos quando nos mudamos com d. João para o mosteiro de Mafra, ficando a “d. Castanhola” instalada no palácio de Queluz. E que sorte a minha d. Pedrinho ser mais próximo ao pai e seu irmão, à mãe.

O que Napoleão quer de cada governante europeu não deixa de ser um casamento forçado. Cansado de esperar uma resposta de d. João ao ultimato do tipo “Case-se comigo ou te mato”, o francês deu ordem para que seja derrubada a porta do dormitório da indecisa donzela lusitana.

A megera domada

17 de outubro de 1807

A megera domada é a mais saborosa comédia de William Shakespeare. E que melhor alcunha para a mãe de meu pupilo? D. Carlota não tem papas na língua, educação nem um pingo de refinamento, beleza ou elegância. É sempre agressiva e maldosa, provavelmente adúltera e, na maior parte do tempo, mal-humorada e violenta.

À primeira vista, pode-se imaginar que essa senhora domine totalmente o marido, mande e desmande, faça e aconteça. No entanto, o glutão bonachão mantém a esposa à distância e sob controle. Entre as várias conspirações contra d. João, a pior ocorreu há dois anos, quando ela criou um partido para dar um golpe de Estado e arrancar o poder das mãos do príncipe regente. Ao ser descoberta, a tirana espanhola foi vencida e só não foi presa porque d. João quis evitar o escândalo, ainda que a tenha confinado no palácio de Queluz.

Já Napoleão I é um osso bem mais duro de roer. Seus vinte e três mil soldados entraram hoje com tudo em solo português, sob comando de Jean-Andoche Junot, militar que já passou um tempo por aqui como diplomata.

No entanto, nosso equilibrista ainda oscila entre ir ou ficar. Esperamos que não caia do arame, levando-nos junto na queda.